



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO MATEMÁTICA E CIENTÍFICA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO MATEMÁTICA E CIENTÍFICAS
CURSO DE LICENCIATURA INTEGRADA EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS, MATEMÁTICA E
LINGUAGENS.**

O SIGNIFICADO DAS EXPERIÊNCIAS DO PIBID EM NARRATIVA AUTOBIOGRÁFICA NA FORMAÇÃO INICIAL

Autora: Jacirene Ferreira do Nascimento

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Maria de Fátima Vilhena da Silva

BELÉM-PA

2015



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO MATEMÁTICA E CIENTÍFICA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO MATEMÁTICA E CIENTÍFICAS
CURSO DE LICENCIATURA INTEGRADA EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS, MATEMÁTICA E
LINGUAGENS.**

O SIGNIFICADO DAS EXPERIÊNCIAS DO PIBID EM NARRATIVA AUTOBIOGRÁFICA NA FORMAÇÃO INICIAL

Jacirene Ferreira do Nascimento

Memorial apresentado ao Curso de Licenciatura Integrada em Educação em Ciências, Matemática e Linguagens da Universidade Federal do Pará, como um dos pré-requisitos para conclusão da Licenciatura.

Orientação: Prof^a. Dr^a. Maria de Fátima Vilhena da Silva.

BELÉM-PA

2015



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO MATEMÁTICA E CIENTÍFICA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO MATEMÁTICA E CIENTÍFICAS
CURSO DE LICENCIATURA INTEGRADA EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS, MATEMÁTICA E
LINGUAGENS.**

O SIGNIFICADO DAS EXPERIÊNCIAS DO PIBID EM NARRATIVA AUTOBIOGRÁFICA NA FORMAÇÃO INICIAL

Jacirene Ferreira do Nascimento

Banca Examinadora

Data: ____/____/____

Conceito: _____

“A teoria sem a prática vira 'verbalismo', assim como a prática sem teoria, vira ativismo. No entanto, quando se une a prática com a teoria tem-se a práxis, a ação criadora e modificadora da realidade.”

— Paulo Freire

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, por ter guiado-me em todas as horas de dificuldades e também nos momentos de grande alegria na minha vida.

Aos meus professores da graduação, em especial a minha orientadora Prof^a. Dr^a. Maria de Fatima Vilhena da Silva, muito contribuiu para minha formação inicial.

As minhas mães Irene (in memoriam) exemplo de ser humano, a minha mãe biológica Olivia Lucia, outro exemplo de ser humano maravilhoso.

A minha irmã Marinalva Coelho, uma pessoa extremamente maravilhosa, uma “mãe” que apoio-me em todos os momentos de dificuldades da minha vida, e é responsável por esse momento de grande satisfação ao relatar esse memorial.

Meu marido Ernesto Nascimento, pela sua paciência e entender todo esse processo de formação superior e todo o apoio e incentivo para concluir a graduação.

Meu filho, “minha vida” em entender a ausência de sua mãe, devido ao trabalho e a universidade.

Os meus irmãos, Elke Ambé e Geovane Ambé, que de certa forma contribuíram para trilhar esse caminho.

As minhas queridas sobrinhas “filhas” Amanda Coelho e Ticiane Coelho, que contribuíram muito em todos os momentos de dificuldades e nos momentos prazerosos.

Aos meus colegas de graduação e aqueles que participaram do projeto PIDID (Os pibidianos) Uma longa caminhada em que tivemos unidos em busca dos nossos objetivos.

Aos meus amigos que incentivaram com palavras de apoio e de certa forma contribuíram dando-me força e coragem para enfrentar esta longa caminhada.

RESUMO

Este memorial apresenta contribuições do PIBID na minha formação inicial como docente e também para a escola com a qual trabalhei durante quase três anos. No texto procuro responder a seguinte questão: Que repercussões as atividades do PIBID trouxeram/trazem para a minha formação à docência? O principal objetivo é mostrar os significados das experiências do PIBID para a minha vida profissional docente. A escola parceira em que realizei as práticas pedagógicas do PIBID é de Ensino Fundamental denominada Madre Rosa Gattorno, situada no bairro do Guamá em Belém do Pará. As turmas onde participei das 3^o, 4^o e 5^o anos me mostraram momentos desafiadores imprescindíveis na construção de conceitos que a escola e a universidade juntas integram a formação do futuro profissional. Dos resultados das atividades do PIBID, em termo de aprendizagem para os alunos, destaco o trabalho com alunos que encontravam dificuldades em matemática, e língua portuguesa e aqueles que não acreditavam na escola. O projeto PIBID além de me ajudar a pensar e realizar atividades pedagógicas importantes no sentido de ajudar tais alunos também contribuiu de forma excelente para dentro da escola, pois a cada atividade desenvolvida aprendizados significativos eram notados na escola. Quanto à minha formação inicial foram muitos conhecimentos que obtive e os levo para a minha vida profissional e pessoal. Nessa grande jornada, PIBID-escola-universidade, mostro neste memorial que aprendi a perceber as diferentes dificuldades dos alunos, a conhecer minhas limitações e ir em busca de estudos que me ajudam a planejar o que melhor se adequa para os alunos e a realizar atividades significativas necessárias ao desenvolvimento intelectual dos alunos.

Palavras chave: PIBID. Anos iniciais. Formação inicial. Narrativas autobiográficas

SUMÁRIO

1. APRESENTAÇÃO	7
2. UM POUCO SOBRE AUTOBIOGRAFIA	9
Revisitando minha entrada na Universidade	11
O PIBID: Um norte na graduação	13
3. A CONSTRUÇÃO DO MEMORIAL	15
3.1. A metodologia	15
Fantoches de mão, fantoches de varetas, marionetes ou sombras.....	16
3.2 O contexto da escola onde as experiências de sala de aula ocorreram	17
4. EPISÓDIOS MEMORIAIS	20
EPISÓDIO 1. AUXILIANDO A ORALIDADE E INCENTIVANDO O HÁBITO DE LEITURA COM LENDAS	20
A lenda do Boto.....	21
A lenda da lara	22
A lenda do Curupira	22
A lenda da moça do taxi	25
Lista de figuras	26
Minhas Reflexões	26
EPISÓDIO 2 - VALORIZANDO A CULTURA AFRODESCENDENTE	28
Lista de figuras.....	31
Minhas reflexões	33
EPISÓDIO 3 – PAISAGISMO DA ESCOLA	35
Lista de figuras.....	35
Lista de figuras.....	36
Lista de figuras.....	37
Resultados.....	37
Minhas reflexões.....	39
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	40
REFERÊNCIAS.....	44

1. APRESENTAÇÃO

O presente texto mostra que a narrativa autobiográfica tem papel relevante na produção de saberes que fui obtendo ao longo do processo de minha formação (inicial) no curso de educação integrada em matemática, ciências e linguagens, da Universidade Federal do Pará, engajada no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência - PIBID. Apresento a importância das narrativas produzidas na forma de relatos e diários produzidos dentro do espaço escolar e como podem contribuir para a formação do futuro docente.

Os relatos e diários são ferramentas fundamentais no meu processo de desenvolvimento para tornar-me professora dos anos iniciais na educação básica. Esta produção se insere na perspectiva de narrativas autobiográficas pois traz elementos para avaliar minha atuação enquanto bolsista do PIBID, na escola Estadual Madre Rosa Gattorno, localizada no bairro do Guamá na cidade de Belém-Pará.

De acordo com o **MEC/CAPES (2009)**:

O PIBID foi criado pelo governo federal com o objetivo de aperfeiçoar e valorizar a formação de professores da educação básica a partir da concessão de bolsas a alunos, supervisores e coordenadores envolvidos nos projetos desenvolvidos nas instituições de ensino superior. Nacionalmente os projetos buscaram possibilitar que os estudantes das licenciaturas se inserissem nas escolas públicas no percurso da formação acadêmica, desenvolvendo atividades didático-pedagógicas para qualificar a docência. Alguns dos principais objetivos do PIBID são incentivar a formação de docentes em nível superior para a educação básica; elevar a qualidade da formação inicial de professores nos cursos de licenciatura; promover a integração entre educação superior e educação básica; inserir os licenciados no cotidiano de escolas da rede pública de educação; e investir na articulação entre teoria e prática necessárias à formação dos docentes, elevando a qualidade das ações acadêmicas dos universitários de diferentes áreas de conhecimento.

O PIBID de licenciatura integrada em Ciências, Matemática e Linguagens da UFPA contou com 16 bolsistas de iniciação à docência com orientação e coordenação da Professora Maria de Fatima Vilhena da Silva que comumente nos chamávamos de pibidianos. Também contamos com uma supervisora da escola e muitas professoras e professores da escola como parceiros. Os focos deste grupo de trabalho foram dois: a interdisciplinaridade e a inclusão escolar em classes de 1º ao 5º, ano ao longo de quatro anos do programa. Foram vários projetos pedagógicos direcionados para suprir as necessidades de aprendizagem dos alunos e também a dos professores da escola. Nossas

intervenções se fortaleciam com os conhecimentos acadêmicos na academia, as teorias estudadas no nosso Grupo, chamado Grupo Paulo Freire e as práticas pedagógicas realizadas no espaço da referida escola.

Havia constante interação entre professores da escola, alunos, colegas pibidianas e a coordenadora do projeto PIBID. Nossas ações buscavam oportunizar a todos nós, envolvidos na proposta uma aprendizagem significativa sobre o se constituir professor, contribuindo assim para uma cultura de sucesso escolar.

O memorial está constituído de um texto que fala um pouco de autobiografia; revisitando minha entrada na Universidade e minha participação no PIBID; a parte da Metodologia em que falo da construção do memorial; seguido dos episódios narrados e interpretados e por fim apresento as minhas considerações finais.

2. UM POUCO SOBRE AUTOBIOGRAFIA

A abordagem autobiográfica constitui aspecto fundador deste trabalho. Digo isto baseado nas palavras de Albert (1993), citado por Sousa (1998, p.31), o qual afirma que:

Escrever sobre si é auto revelar-se, é um percurso privilegiado de tomada de consciência de si mesmo, pois permite 'atingir um grau de elaboração lógica e de flexibilidade', de forma mais acabada do que na expressão oral. A autobiografia é um dos elementos que compõem um conjunto diversificado de produções sobre si, representando uma das 'mais nobres modalidades da escrita identitária (ALBERT, 1993, p.46-47)

Em outras palavras, escrever a história de vida e de formação é sempre revelar-se e revelar o que de mais importante sobre si deseja que outros conheçam. Sendo assim, apoio minha autobiografia em Catani, Bueno e Sousa (1998, p.45-46) quando afirmam que "a proposta de trabalhar na produção/análise de relatos de formação intelectual (ou "histórias de vida escolar"), antes de mais nada, parece possuir como recurso metodológico um potencial de compreensão bastante fecundo".

Para produzir este memorial sobre minha autobiografia sobre as experiências vivenciadas no PIBID eu poderia ter escolhido outras formas textuais, entretanto, escolhi a narrativa uma vez que:

A narrativa supõe uma sequência de acontecimentos, é um tipo de discurso que nos apresenta com a possibilidade de dar à luz o nosso desejo de os revelar. Podemos dizer que a narrativa comporta dois aspectos essenciais: uma sequência de acontecimentos e uma valorização implícita dos acontecimentos relatados. E o que é particularmente interessante são as muitas direções que comunicam suas partes ao todo. Os acontecimentos narrados de uma história tomam do todo os seus significados. Porém, todo narrado é algo que se reconstrói a partir das partes escolhidas. Essa relação entre a narrativa e o que nela se revela faz com que suscite interpretações e não explicações – não é o que explica que conta, mas sim, o que se pode interpretar. (PRADO e SOLIGO, 2007, p.48).

Assim, não se trata apenas de contar a minha história ou partes dela, pura e simplesmente pelo ato de narrar, mas apresento um processo complexo de revisitações constantes à minha memória em busca de experiências que as classifico como significativas e relevantes na formação acadêmica. Essas experiências suscitam em mim questionamentos que ao final me possibilitam distintas interpretações.

Utilizarei a narrativa autobiográfica por ter enfoque ou perspectiva próprios. Bolivar et al, citado por Terra (2010, p.355) explica que este tipo de narrativa "está centrada numa perspectiva interpretativa, ou seja, se encontra dentro de várias ciências humanas e sociais ... E todas coincidem quando se interessam pela forma de como os seres humanos dão significado ao seu mundo mediante a linguagem."

Prado e Soligo (2007, p.54) analisando as narrativas de alunos chegam à conclusão que “num curso universitário de formação de profissionais que estão em exercício e em programas extensos de formação continuada fica potencializada a proposta de narrar por escrito as experiências e as reflexões, pois esses são contextos privilegiados de articulação teoria-prática e de produção de conhecimento pedagógico”. Sendo assim, na busca destes ensinamentos procuro, através da narrativa autobiográfica alicerçar minhas interpretações e reflexões sobre a formação que tive ao trabalhar como bolsista no PIBID.

Para tanto, neste trabalho de conclusão de curso, pretendo responder à seguinte pergunta norteadora: Que repercussões as atividades do PIBID trouxeram/trazem para a minha formação à docência?

O objetivo geral deste TCC é interpretar os significados das experiências do PIBID para a minha vida profissional docente.

O objetivo específico é apresentar um conjunto de práticas pedagógicas exercidas no espaço escolar cujas interpretações possam construir um memorial que sirva de inspiração na formação docente de outras pessoas que pretendem ser professoras ou professor dos anos iniciais.

As narrativas que trago como experiências realizadas dentro do PIBID, perpassam por várias áreas do conhecimento dentro do campo pedagógico dos anos iniciais. As dificuldades encontradas dentro da sala de aula muitas vezes vistas de maneira enviesadas do real. Porém, a curiosidade e a paciência para registrar foram minhas companheiras na busca por uma forma de aprender com a teoria ministrada dentro da graduação, no grupo de estudo e com atividades cotidianas que se desencadeavam dentro do espaço escolar. As observações e as experiências das professoras regentes das turmas dos anos iniciais foram importantes para entender coisas que na graduação não somos capazes de fazer, porque só na prática é que se tem a dimensão delas.

Narrar esta autobiografia vai me favorecer revisitar essas experiências, também vou rever como minha aprendizagem neste processo de formação foi me permitindo adquirir conhecimentos que facilitaram muito minha vida acadêmica e a importante contribuição de tudo isso na construção de uma carreira profissional docente. Acredito que reescrever o que vivi, senti e me preocupei me permitirá entender ainda mais o processo educacional e outras interpretações que terei oportunidade de encontrar no caminho da releitura.

Revisitando minha entrada na Universidade

No ano de 2011, tive um grande sonho realizado, fui aprovada no processo seletivo da UFPA do referido ano, para o curso de licenciatura integrada em ciências, matemática e linguagens, foi uma emoção maravilhosa em minha vida, pois a vontade de me formar era tão maior que nada mudaria o meu pensamento de seguir com meus objetivos de buscar uma formação superior.

Nos primeiros dias de aula, fiquei deslumbrada com tantos conhecimentos novos, os professores da graduação, já nos mostravam como seria o curso e que tínhamos que nos focar nos objetivos de um curso diferenciado e com propostas novas para a educação.

Eu tinha muitas dúvidas, por isso a cada professor que chegava para ministrar uma aula ficava muito ansiosa para saber qual assunto ia ser tratado. Os eixos temáticos foram apresentados durante o semestre e cada semestre que passava eu amava mais o curso. A cada novidade havia a possibilidade de levar para a sala de aula o que estava aprendendo. Para mim foi um início muito gratificante, mas eu nem podia imaginar o que seria um ingresso a uma sala de aula.

A graduação, naquele momento da minha vida, trazia várias mudanças e com elas os problemas de adaptação como: tempo disponível para estudar, fazer os trabalhos, seminários etc. Devido eu trabalhar durante o dia, tudo ficava mais difícil, mas nada mudaria a força que vinha de dentro de mim que eu sentia ser maior que todos os obstáculos que apareciam. Para mim o curso superior é um mundo de saberes, os obstáculos eu ia resolvendo e superando-os porque me enchia de esperanças para ser professora e poder contribuir com meus conhecimentos e saberes que vivenciaria no percurso da graduação.

Na área da educação, os registros em diários e as interpretações que vamos tendo sobre eles concordo com Terra (2010) ao afirmar que esta prática é dar autoria e autonomia ao professor pois nesta escrita o autor capta conhecimentos que decorrem das experiências e das ações ao mesmo tempo em que vê a importância da biografia-narrativa. A meu ver, este modo de narrar é muito importante na formação inicial, pois a explicitação biográfica de uma experiência de formação conduz à reformulação crítica e pode transformar um pensamento, antes, equivocado. Logo não é uma mera narrativa mas modos de se ver educação em outras lentes, em outros momentos reflexivos.

Paulo Freire (1987, p.40) afirma que a pedagogia do oprimido, no fundo, é a pedagogia dos homens. Essa pedagogia busca, principalmente, uma ação efetivamente libertadora no sentido de oportunizar a libertação pelo conhecimento. Trata-se de um contraponto à educação bancária, em que o educador conduz os educandos à memorização mecânica do conteúdo.

Uma educação que se pretende libertadora privilegia a intercomunicação, na qual “o pensar do educador só ganha autenticidade na autenticidade do pensar dos educandos, mediatizados ambos pela realidade” (FREIRE, 1987, p. 62). Professor e alunos pensam articulados, comunicando-se e buscando a compreensão da realidade do mundo em que reinsertem.

Trata-se de uma relação pedagógica marcada pela dialogicidade, e por duas dimensões: “ação e reflexão, de tal forma solidárias, em uma interação tão radical que, sacrificada, ainda que em parte, uma delas, se ressentem, imediatamente, a outra. Não há palavra verdadeira que não seja práxis” (FREIRE, 1987, p. 77).

O PIBID: um norte na graduação

Um dos melhores momentos durante minha graduação foi quando soube que o subprojeto PIBID estava fazendo seleção de duas bolsas para os alunos da graduação. Eu me inscrevi, passei por uma entrevista onde respondi à várias perguntas. Lembro de duas que foram as seguintes: por que você quer ingressar neste projeto? O que você conhece do PIBID? Eu já tinha lido um pouco sobre o subprojeto e minhas respostas foram firmes para conquistar essa vaga. Tudo deu certo, no dia seguinte recebi um telefonema para a minha apresentação na secretaria do curso com todos os documentos exigidos, não pude conter minha emoção, pois iria participar de um projeto oferecido pela CAPES/MEC, na universidade Federal do Pará.

O projeto PIBID foi o meu norte dentro da graduação, pois nele tive a oportunidade de vivenciar momentos de grandes aprendizagens como por exemplo, saber que postura um professor deve ter diante dos alunos, a necessidade de ler e estudar com dedicação entre outras. As contribuições desta oportunidade serviram para eu entender a dimensão que a minha formação docente requer de um profissional. Também comecei a ter uma visão mais nítida da responsabilidade de educar e proporcionar aos educandos atividades que pudessem pensar e refletir sobre o cotidiano e o mundo deles. Nesta vertente, Souza (2009, p.36) considera “bastante complexo precisar quando o professor deixa de ser “iniciante”, pois o predicativo iniciante refere-se a uma categoria transitória e situacional”. Fui tateando nessa conquista profissional entusiasmada com a vontade de descobrir cada vez mais o que é reservado ao professor. Para Cavaco (1995) citado por Souza (2009) essa [...] experimentação, a exaltação por estar finalmente, em situação de responsabilidade (ter a sua sala de aula, seus alunos, o seu problema, o seu programa) por se sentir colega num determinado corpo profissional [...] (p.39)” é o que lhe impulsiona às descobertas.

Também me sinto entusiasmada ao exercitar as narrativas sobre minhas experiências de formação inicial e as trajetórias pelo PIBID, pois assim reanaliso minha prática e percebo em outras dimensões que outras opções ou outras concepções de ensino e de aprendizagem vão surgindo na medida em que as reinterpreto. Isso acontece porque nesses processos de ‘auto tematização e na produção dos relatos autobiográficos de formação, o indivíduo tem a oportunidade de criar ou transformar modos de compreender as relações com o conhecimento, com o ensino, a vida escolar e a realidade social’ (PETERS, 1979).

Narrando e interpretando minha participação como bolsista do projeto PIBID vejo que conheci o verdadeiro significado da experiência de planejar e colocar em prática o que estudava na graduação e também tenho agora melhor noção da importância de saber o que é orientar um aluno. Com esta reescrita, abre-se para mim um leque de conhecimentos, e eu começo a saber o que é refletir criticamente sobre minhas ações no ambiente educativo e a “engatinhar” no meu papel de futura educadora. As práticas pelas quais passei agora é “vista como geradora de conhecimento, como mobilizadora de pensamentos será o fio condutor para se pensar a formação docente” (SOUZA, 2009, p.42).

3. A CONSTRUÇÃO DO MEMORIAL

3.1. A metodologia

Esta autobiografia acadêmica foi construída a partir dos registros sobre a prática pedagógica que tive durante as atividades acadêmicas pibidianas as quais foram reunidas no “Diários PIBID”. Neles contêm: registros das atividades realizadas por professores regentes de turmas da tarde do 3º, 4º e 5º anos do ensino fundamental da escola nas quais o projeto foi desenvolvido; intervenções pedagógicas implementadas por acadêmicas; as reflexões nos estudos do Grupo Paulo Freire; os questionamentos e sentimentos suscitados pelas e nas experiências docentes iniciais.

A partir dessas anotações no diário, refleti sobre o exercício de registrar práticas pedagógicas e passei a selecionar o que seria indispensável para compor este memorial narrativo. Os Diários PIBID apresentam registros sobre as práticas alfabetizadoras, e letradas que foram realizadas na escola com minha participação durante o projeto PIBID. Tais registros materializam, por meio da escrita, de fotografias e vídeos etc., situações de aprendizagem sobre os atos de ensinar e aprender compartilhados com a equipe PIBID, a professora da turma/escola e com os estudantes dos anos iniciais.

As experiências de iniciação à docência foram desenvolvidas com os 3º, 4º e 5º anos do ensino fundamental. A professora com quem trabalhei foi somente a Renata Carvalho. O número de estudantes por turma tem em média de 28, totalizando cerca de 90 alunos ao longo deste projeto. Minhas experiências com o PIBID são do período de setembro de 2011 até março de 2014, tempo que participei do referido Programa.

Para analisar os registros dos diários selecionei três episódios que a meu ver foram bastante significativos para a minha formação inicial e também para a aprendizagem dos alunos. Os episódios foram: 1. “Auxiliando a oralidade e incentivando o hábito da leitura com lenda”; 2. “Valorizando a cultura afrodescendente”; 3. “Paisagismo na escola”. Para uso das lendas e como meio de exercitar a leitura e a oralidade utilizamos leitura individual, leitura coletiva e estratégias teatrais como o uso de fantoche. O tema sobre a cultura afrodescendente utilizamos produções coletivas de cartazes, poesias, maquetes e para o paisagismo na escola foram utilizadas oficinas, campanhas, palestras, visitas técnicas, práticas de plantio de plantas ornamentais em vasos.

Fantoches de mão, fantoches de varetas, marionetes ou sombras:

Os fantoches são formas teatrais de se contar histórias, podendo variar de acordo com a situação, o ambiente, o público e os recursos disponíveis. De um modo geral, os fantoches são ilustrações feitas em papel rígido, revestido com papel brilhante ou tecido, recortadas, e com aparência de bonecos reais e tem movimento com a pessoa que dirige o teatro. Funciona como se personagens conversassem com ouvintes. O fantoche de varetas, é uma técnica pouco divulgada. A história contada pelos fantoches ilustrados, e recortados são colados em varetas.

O uso da técnica de fantoches tem suas vantagens e suas peculiaridades. Contudo, cabe saber escolher a melhor maneira para contar cada história. Para isso, o professor precisa ter claro o que a história sugere; o texto na apresentação e as interferências pelo contador empresta vivacidade à narrativa. Diferente da leitura individual, o texto no livro precisa instigar o leitor. Logo, o texto, a entonação da voz, a aparência dos fantoches são fundamentais na contação das lendas, pois o primeiro contato com o enredo é o físico, acompanhado de sentimentos, e de acordo com as primeiras impressões que causa seduz ou não o leitor ou quem a ouve. Ao mesmo tempo, esta estratégia colabora com o desenvolvimento da capacidade cognitiva de quem participa narrando ou assistindo a apresentação da história.

Quando se trata de livro as ilustrações trazem uma linguagem visual, uma conversa com o texto escrito que lhe dá sentidos. O texto conta a história que pode ser em forma de poema, por exemplo, e isso faz fluir a imaginação do leitor.

As histórias que ouvimos ou lemos, na infância, ajudam no desenvolvimento do gosto pela leitura. Os textos que mais marcam são aqueles voltados ao universo do leitor, pois lhe ajuda a desenvolver, mais tarde, o interesse por outros tipos de leituras. Portanto, contar lendas na escola incentiva o aluno a ir em busca de outras histórias e com isso procurar saber ler.

Desta feita, uso de técnicas específicas para se contar histórias ajuda a enriquecer as narrativas e fazer com que os ouvintes consigam compreender o que está explícito e implícito nas histórias. É interessante, no entanto, adequar a técnica conforme idade, preferência, ambiente, entre outros, com o fim de proporcionar aos ouvintes leitores o prazer pela leitura e as histórias ficarem divertidas. É de extrema importância que o

contador esteja ciente da forma correta de realizar a narração, caso contrário a técnica não surtirá o efeito desejado.

3.2 O contexto da escola onde as experiências de sala de aula ocorreram

A escola de atuação como bolsista foi a E. E. E R. C. Madre Rosa Gattorno localizada no bairro do Guamá na cidade de Belém-Pá, tendo por diretora a Prof^a e coordenadora Selma Chaves; funciona em dois turnos com turmas do 1^o ao 5^oano/9, possui quinze salas de aula, uma quadra de esportes descoberta o que para o turno da tarde não é nada bom devido ao sol. Tem biblioteca com espaço grande e uma variedade de livros, lugar este que os alunos gostam muito de estar. Possui um data show, vídeo cassete, sala dos professores, sala da direção e corpo técnico, sala multifuncional para aulas dos alunos com necessidades especiais; a escola possui acessibilidade para as crianças com deficiências de locomoção.

Apresentei-me como bolsista do PIBID no segundo semestre de 2011, e fui recebida por um funcionário da escola e a professora supervisora do PIBID; apresentaram-me a Prof^a Ediene, da 4^a série com quem estive fazendo acompanhamento das aulas e auxiliando nas tarefas da classe. Naquele momento o assunto de português, versava sobre pronomes. Observei que todos os alunos estavam concentrados nas explicações da professora. Às 16:00h, a professora da turma precisou ausentar-se, para tratar de assuntos particulares, ficando os alunos sob minha responsabilidade. Nesse momento fiquei apreensiva pois era o meu primeiro contato com alunos em uma sala de aula, mas enfrentei com toda coragem que achei naquela hora.

A aula do dia seguinte foi ministrada pela professora Renata (professora de matemática e arte). O assunto abordava multiplicação e divisão por dois e três números, notei as dificuldades dos alunos em resolver os "problemas". Observei que muitos não sabiam multiplicar nem dividir por dois números, mas apesar desse problema percebi interesse neles, já que vieram pedir-me auxílio. Tanto a professora quanto eu, os orientamos e corrigimos seus deveres nos seus cadernos.

E assim todos os dias foram se tornando maravilhosos, gratificantes pessoalmente e para a minha formação. A escola colocava os bolsistas em constante planejamento. Naquele mês os jogos internos estavam sendo realizados e fizemos uma integração sobre

a participação dos alunos nos jogos internos. Nós os bolsistas do PIBID da escola perguntamos aos alunos sobre a importância dos jogos para a vida de deles, obtendo inúmeras respostas sobre o assunto.

Destaco uma das respostas obtidas, de uma aluna da 4ª série, a qual disse que por não ter outro tipo de recreação “o jogo da escola era maravilhoso” para ela. Nesta resposta observo o quanto a escola é responsável para incentivar os alunos em práticas semelhantes. Jogar e vontade de competir era grande em cada aluno ou aluna, pois, manifestavam essa vontade quando pulavam, gritavam e torciam para seus colegas ganharem até que ganhassem uma medalha da vitória, o ponto alto daquela festa.

Registre essas reações e emoções dos alunos, então perguntei à supervisora do PIBID sobre o que os jogos internos representavam para os alunos, no que respondeu: - são momentos de total descontração, competitividade, relação interpessoal e desenvolvimento psicológico e social. Ainda ressaltou: para muitos alunos, apenas nos dias dos jogos eles têm momentos de lazer. Essa resposta ficou repetindo em minha cabeça, pois se a escola não oferece lazer, precisávamos pensar o que fazer para que a sala de aula ou a escola se tornasse prazerosa.

Na outra semana após os jogos estudantis, ao entrar na sala de aula citada anteriormente, deparei-me com outra professora, pois a anterior havia sido distratada do Estado. Alguns alunos vieram até mim, comunicar que estavam tristes pelo ocorrido, pois estavam acostumados com a outra professora. Expliquei-lhes que o assunto seria o mesmo com a nova professora, e que estudassem e prestassem atenção nas explicações. Em caso de dúvidas perguntassem a mim e à professora. Depois eles se acostumaram com a nova professora e tudo acontecia dentro da ‘normalidade’ na sala. Episódios de mudanças de professores na escola aconteciam com certa frequência, não sei ao certo mas parecia que os professores que pediam para mudar de escola ou demissão de seus contratos não se encontravam satisfeitos em serem professores numa escola carente na sua estrutura e a carência dos alunos em não saberem ler e escrever talvez, fosse um dos motivos que os afastava do lugar ou da profissão.

Outros detalhes muito comuns que eu percebia eram aulas que não se aproveitavam o que os alunos já sabiam. Um dia passamos um texto sobre desnutrição, pedindo que cada um dissesse o que entendiam por desnutrição. Todos sabiam falar sobre o assunto,

mas não sabiam escrever. Na minha interpretação a aula ficava monótona porque se resumiam em escrever-copiar do quadro; faltava exploração do assunto com perguntas, encaminhamentos de pesquisas em livros, mapas, jornais e internet, para que os alunos pudessem interagir com o assunto percebendo-o como importante, já que eu via que muitos alunos esperavam a hora da merenda para terem uma refeição. Outra questão que me chamava a atenção na escola eram os modos agressivos como os alunos 'brincavam' uns com os outros. Algumas vezes os alunos foram advertidos pela professora e perguntados se eles presenciavam algum tipo de violência, e todos responderam que sim ou em casa ou na vizinhança. Daí o tema violência tomou espaço para discussão e reflexão na sala de aula, essa estratégia foi muito boa para reverem os fatos que ocorriam no dia a dia da escola. Por exemplo, no recreio cenas de agressões físicas e orais eram comuns, havia sempre alguém derrubando o outro ou dando rasteira ou criticando o outro. Também no contexto da escola notei que havia certa rotatividade de professores, mas os motivos eram variados.

4. EPISÓDIOS MEMORIAIS

EPISÓDIO 1. AUXILIANDO A ORALIDADE E INCENTIVANDO O HÁBITO DE LEITURA COM LENDAS

Este episódio apresenta as experiências realizadas sobre uso de lendas urbanas e amazônicas. Os objetivos foram: Valorizar os saberes tradicionais dos povos amazônidas quanto aos aspectos sociocultural e cotidiano, utilizando as lendas; Auxiliar os alunos no desenvolvimento da oralidade e da leitura por meio de contação de lendas referentes ao imaginário popular do cenário amazônico; Permitir que a criatividade e a imaginação dos alunos adentrem ao mundo da leitura.

As atividades com lendas foi iniciativa do projeto PIBID desenvolvida em toda a escola. Trabalhei com uma turma de 28 alunos na faixa etária 9 a 12 anos, do 3º ano do ensino fundamental, durante uma semana antes do dia do folclore. Nessa semana os alunos escolhiam os livros disponíveis na sala, liam os que sabiam ler e contavam as lendas. Ao contar iam tentando identificar versões conhecidas.

Para o dia 22 de agosto de 2013, dia do folclore, a escola planejou seções de vídeos e teatro de fantoches com temas amazônicos. Os estudantes assistiram em vídeos as lendas do açaí, da cobra grande e a lenda urbana da moça do taxi. Todos ficaram atentos e após as seções eram convidados a contar as versões do jeito que eles entenderam. Todos queriam contar o que já escutaram sobre as lendas dos vídeos, principalmente a lenda da moça do taxi. Alguns relataram que, como moram nas redondezas do cemitério Santa Izabel, não gostam nem de olhar para lá, pois lembram das estórias que seus pais sempre contam (Que a moça sai e vai andar de taxi pela cidade e depois manda cobrar a corrida na casa de seus pais, quando o taxista ver a foto dela na parede, toma maior susto, pois ficam sabendo que a moça já morreu). Saíram versões diferentes em alguns pontos, pois os alunos atribuíam sentido ao que ouviam. A imaginação também corria solta.

A professora titular da turma Renata Carvalho, pediu que levasse atividades que falassem do folclore, foi então que eu sugeri a escolher um meio bem instigante de contar para os alunos sobre a origem do Folclore Brasileiro, escolhendo algumas lendas que os

alunos já haviam relatado. A partir disso fizemos uma roda de leitura de diversas lendas, e assim identificamos os interesses dos alunos sobre o tema.

Uma semana antes do dia do folclore, iniciamos as atividades e pensei que seria bem interessante a leitura de todos, porém, alguns alunos ainda tinham muitas dificuldades na leitura. Como nosso objetivo era integrar a todos, foi então que conversamos sobre o contar as lendas primeiro em sala de aula para toda turma e pedimos que cada um construísse um texto sobre cada lenda. O que me chamou mais a atenção foi todos virem até a frente contar o que escreveu, e aqueles que tinham alguma dificuldade na escrita contavam de sua maneira oralmente.

Então, logo percebi que a lenda da Matinta Pereira foi a mais falada e escrita, percebendo o que foi mais significativa para todos. Logo depois surgiu a ideia de trabalhar o fantoche da Matinta Pereira, para que eles pudessem tocar e presenciar o que lhe chamou a atenção. Construí o fantoche e no dia do folclore apresentamos também outras lendas em vídeos e orais.

A seguir apresento um resumo de algumas lendas que além das anteriormente citadas tiveram muita atenção dos alunos por seu enredo situar-se em ambientes muito conhecidos na região. São elas: A lenda do Boto, a Iara, o Curupira. E pra fechar com chave de ouro tivemos a lenda da Matinta Pereira a qual foi o maior destaque por encantar e ao mesmo tempo amedrontar as crianças.

A lenda do Boto

“Nas belas terras da Amazônia correm rios deslumbrantes; alguns são de águas mansas, outros de águas turbulentas, mas umas coisas todas têm em comum: são habitados por peixes fantásticos”. Tomamos os estudos de Magalhães (2004, p. 8) como elemento introdutório para a lenda do Boto, uma espécie de mamífero aquático, da família da baleia e do golfinho.

Alguns autores escrevem nas lendas que o Boto é habitante encantado do rio Amazonas, que durante o dia brinca com as crianças à beira do rio e à meia noite ele se transforma em gente. Magalhães (2004) utiliza-se de uma maneira lúdica para contar essa lenda. Ele insere no processo de transformação do Boto, a figura do “jacaré-farmacêutico”, que o Boto procura na “farmácia das águas”. O jacaré o adverte que a transformação só é possível através da força do seu pensamento. Transfigura-se então em um homem sedutor de vestes brancas o qual usa um chapéu branco para ocultar o orifício que tem no alto da cabeça, por onde exala um forte cheiro de peixe. O Boto transfigurado aparece nas festas

dos ribeirinhos e dança com as donzelas mais bonitas com quem sai para passear e, antes de amanhecer, volta para as águas na sua forma original. De dia, ele Boto das águas, de noite, é um rapaz sedutor.

As implicações da lenda é que de tanto admirar as moças, o Boto passa a cuidar de todas mulheres, tornando-se protetor delas. Por exemplo, se acontece um naufrágio de um barco nas águas dos rios onde vive ele as salva.

A lenda da lara

A lara é também figura das águas. Seu nome é de origem indígena, traduzido por “aquela que mora na água”. A lara, nas lendas, ora é dita sereia, ora surge como índia. Tanto uma quanto outra tem capacidade de encantar os homens e atraí-los para a água.

Algumas versões fazem menção à sua beleza, outras mencionam o poder hipnótico de seu canto. O enredo da lenda culmina no desaparecimento dos homens que foram provocados pela lara. Dizem que lenda surgiu na Região Norte. Entretanto, destaca-se que também é contada nas demais regiões brasileiras, inclusive figuram numerosos relatos de pescadores de comunidades ribeirinhas de várias regiões que contam histórias de jovens que cederam aos encantos da tentadora sereia e morreram afogados de paixão.

A lenda do Curupira

Outro ser popular no imaginário amazônico que, por vezes, leva a culpa pelos desaparecimentos misteriosos das pessoas é o Curupira. Figura lendária representada como sendo sagaz, de corpo pequeno e peludo, com dentes azuis ou verdes e orelhudo. Porém, é unânime a descrição de seus cabelos vermelhos cor de fogo e anda sempre com os pés virados para trás, ou seja, com calcanhares para frente, de modo a suas pegadas enganam aqueles que o tentarem segui-lo.

Magalhães (2004) relata o Curupira como protetor dos animais, guardião da floresta, que despista os caçadores com seus falsos rastros. Dificilmente ele é localizado pelos caçadores; alguns autores afirmam que é impossível capturá-lo. Contadores de lendas dizem ainda que o Curupira “costuma deixar, por meio de assovios e ilusões, aqueles que adentram a floresta atordoados e perdidos” (idem, p.27).

Das lendas acima resumidas selecionei para esta narrativa a da Matinta Perera por mostrar grande envolvimento dos alunos e o desejo de participarem das leituras, mesmo que fossem orais e o teatro que mobilizou todos os alunos da escola.

No dia do folclore as salas de aula se transformaram em espaço de contação das lendas, cada sala tinha uma ou mais lendas em cartazes, figuras ou tipo palcos. Os alunos ficavam disponíveis para falar sobre o que aprendeu da lenda e contá-la ao colega visitante. Os professores incentivavam seus alunos a irem noutras salas conhecer outras lendas.

A história da Matinta Pereira contada com fantoche

O assobio da Matinta, atestam todos que já o ouviram, "é coisa de outro mundo"; "arrepia até a alma"; "a gente sente como se estivesse levantando do chão", etc. Dizem ainda que ao ouvir o assobio se a pessoa disser: - "Vem buscar tabaco amanhã ", pode contar que na manhã seguinte encontrará, à porta de sua casa, uma mulher muito velha ou uma pedinte, em busca do que lhe foi prometido. Também, pode ser a primeira pessoa que aparecer na casa pedindo um inocente cigarro.

Ao verem o vídeo, as crianças mostraram-se assustadas e com medo, queriam que nós ligássemos as luzes da sala de vídeo, mas queriam saber todos os passos das estórias, Matinta Pereira e da moça do táxi.

Todos os alunos escutaram e ficaram atentos no momento que eu contei a lenda da Matinta Pereira, em fantoche.

A partir do momento em que as estórias foram-lhes contadas por meio de fantoche, perceberam tratar-se de lendas e que são bastante conhecidas nos interiores paraenses. Assim, queriam conhecer como a Matinta Pereira se veste, como é seu cabelo e onde ela vive. Os alunos queriam tocar o fantoche, tirar fotos, e assim o medo ficou só no imaginário.

Ao terminar esta fase tudo virou festa, os estudantes falavam com naturalidade sobre as lendas e esqueceram os medos, depois queriam tirar fotos com o cartaz e o fantoche da nossa sala.

Percebi que os alunos já conheciam muitas lendas, e o incentivo para ler e encenar as estórias foi de grande importância à oralidade posto que fluía naturalmente a vontade de falar sobre o tema. Todos falaram dos seus medos e faziam relações com muita naturalidade com o que liam e sabiam anteriormente. À medida que os dias avançavam em

contação das lendas, havia maior interesse pela leitura, pois a curiosidade chamava a atenção de cada um. Algumas lendas aguçavam maior interesse do que outras em descobrir o final de cada estória. Estas motivações vão ao encontro do princípio de Ausubel (1980) ao afirmar que o fator mais importante que influencia a aprendizagem é aquilo que o aprendiz já sabe. Sendo assim, se o aluno já conhecia alguma versão da lenda ao ouvir nova versão aguçava sua vontade de ler para ver se o enredo tinha novo drama.

Outra coisa importante nessa atividade é dizer que o gênero lenda auxilia na preservação cultural, é um excelente meio para incentivar o desenvolvimento da oralidade, o hábito da leitura e a imaginação, demonstraram curiosidades, superação de medos, desafios na conquista da sua formação crítico-cidadã.

O que aprendi com o projeto lendas amazônicas é que me senti também motivada a medida que os alunos gostavam da ideia de ler e procuravam com o outro ler também. Para bem representar o que percebi, faço uso das palavras de Cavaco (2009)

Assim, tem-se a ideia de formação como um *continuum*, no qual a formação inicial é a primeira fase de um longo e diferenciado processo de desenvolvimento profissional, o que exige novos parâmetros para a formação de professores, que deve priorizar a reflexão, a criação, o conceber e executar projetos pedagógicos, na perspectiva do professor que participa em seu próprio processo de aprendizagem. Enfim, conceber o professor como profissional reflexivo, pode ser uma decisão mais acertada para abordar os complexos aspectos de sua formação e atuação (p.43).

Minha motivação para produzir o material (fantoche) foi aumentada pelo interesse de saber que os alunos ao ver e poder tocar, transformariam as estórias mais do conhecimento popular brasileiro. E, ao trabalhar a oralidade, há mais incentivo ao processo da escrita do aluno uma vez que o tema escolhido foi muito bem aceito por todos, e havia curiosidade em conhecer melhor as lendas, lendo-as e contando-as.

No decorrer da semana, numa roda de conversa surgiram perguntas sobre a Matinta Perera tais como: Por que ela tem esse cabelo no rosto? Será que ela tem família? Como ela surgiu? O que ela come? será que ela destrói a natureza? Essas perguntas me deixaram impressionada com o imaginário e o saber dos alunos; eles me mostraram que eu poderia ir mais longe do que somente contar as histórias e interpretar. Eles (os alunos) queriam saber sobre os outros personagens além da Matinta Perera. São simples perguntas que mostram o interesse dos alunos.

Nesta perspectiva, "... a formação de professores com foco na reflexão de suas ações educativas, praticando-se a curiosidade, a exploração, a descoberta, a partilha, a paixão, a competência e a sensibilidade. Isso por entender a formação como uma construção permanente" (SILVA, 2006, p.10) foi tomando um significado mais forte, e me transformando de simples bolsista para futura professora, aquela que não apenas dita normas na sala de aula mas faz da aula um momento de escuta e de atenção. Por exemplo, veja o que aconteceu no momento seguinte:

Quando comecei a falar da lenda urbana da moça do taxi, os alunos nem piscavam, concentrados na estória. Mais uma vez escutei várias perguntas e relatos. A aluna Tainara me disse: - eu sei o nome desse moça da estória. - Então Tainara me fala? - É Josephina Fiquei muito impressionada com o saber dos alunos e assim foram surgindo outras perguntas como: - Ela ainda anda de taxi? - Ela está enterrada naquele cemitério que fica aqui perto da escola? Depois me pediram que eu relatasse um pouco da estória:

A lenda da moça do taxi

"Josephina Conte nasceu em 1915, mas ainda hoje faz parte do imaginário popular em Belém. Segundo a lenda, a jovem gostava de andar de carro e, mesmo depois de morta, voltava ao mundo dos vivos para passear de táxi pela cidade. Após o percurso - que, de acordo com algumas narrativas, terminava na porta do cemitério - a jovem orientava que o motorista fosse cobrar a corrida na casa da família. No dia seguinte, quando a cobrança era feita, o motorista descobria que sua passageira da noite anterior já havia morrido de tuberculose, anos atrás".



Figura 1. Foto dos alunos e bolsista na sala de fantoches

Apesar de haver empolgação dos alunos no decorrer do projeto com lendas observei que havia muitas dificuldades para os alunos escreverem textos, já que eles não conheciam palavras, mesmo sendo alunos da 3ª série. Diante da situação eu e outras bolsistas procuramos ajudá-los com uma metodologia diferente daquela que a professora da sala sempre estava utilizando. Levávamos os alunos que estavam com maiores dificuldades em leitura e escrita para a sala da biblioteca da escola e lá iniciamos um processo de alfabetização, todas as sextas feiras, mas antes eles perceberam a importância de saber ler. O resultado foi muito bom porque a maioria conseguiu pelo menos ler palavras e outros conseguiram ler pequenos textos.

Minhas Reflexões

As atividades narradas me fizeram perceber que trabalhar com as lendas é uma forma que nos permite entrar no mundo imaginário dos alunos, e desenvolver em cada um, a oralidade o hábito da leitura, pois ao ficarem curiosos em saber mais sobre cada estória, passam a ir em busca de saber o que está naquela escrita. Aprendi que essa maneira de ensinar é uma excelente estratégia para envolver o aluno a auxiliá-lo a ser sujeito-leitor capaz de produzir sentidos sobre a leitura.

Tomando essa atividade como fonte de estudo para minha formação vejo que o ato de educar deve estar baseado em uma educação, onde os alunos tenham voz dialoguem com os outros, tenham apoio de suas famílias. Aconteceu tudo isso que relatei, no entanto

sei que não foi fácil, pois assim como outros colegas do PIBID, fiquei com as pernas trêmulas a cada momento que eu ficava sozinha com a turma, e a cada pergunta dos alunos eu achava que não sabia responder. Mas enfim, consegui superar meus momentos de desafios, e agora me vejo capaz de enfrentar melhor, mais confiante as situações dentro de uma sala de aula. Com base nestes estudos reconheço “Que a reflexão sobre a sua prática pedagógica subsidia na reorganização de novas práticas, fundamentando-as a partir de novas compreensões acerca do seu papel que colaboram para seu aperfeiçoamento profissional (SILVA, 2006).

Hoje, escrevendo esta autobiografia percebo o quanto aprendi a refletir com essas práticas e que ao entrar na sala de aula vou me deparar cada dia com novas situações. Isso sempre será lembrado porque o PIBID se sustenta nessa teoria e as minhas práticas como professora iniciante foi mediada por esses estudos e orientações.

Diante dessas idas e vindas nestas narrativas, faz-me crer que a metodologia adotada, reconhecer os conhecimentos prévios dos professores, a reflexão, o trabalho em equipe, a leitura, a escrita compartilhada e a metacognição são competência que contribuem no processo formativo e de reflexão sobre sua atuação profissional (PERRENOUD, 2000). Schon (2000) já afirmava que o processo de reflexão na ação e reflexão sobre a ação são estratégias fundamentais para a construção do conhecimento prático profissional em todas as áreas. No paradigma do professor reflexivo o autor defende que na prática não nos defrontamos com problemas genéricos, mas com situações específicas, que não podem ser solucionadas através de técnicas, sempre consideradas universais e passíveis de generalizações.

EPISÓDIO 2 - VALORIZANDO A CULTURA AFRODESCENDENTE

O tema valorizando a cultura afrodescendente que trata da diversidade cultural não leva em consideração apenas a importância do como o outro é diferente, significa pensar a relação entre o eu e o outro como participantes do mesmo meio social. A escola como instituição de ensino tem como um de seus objetivos combater o preconceito e a discriminação, porque participa da formação de atitudes, ações e valores essenciais à formação da cidadania de seus educandos.

A diversidade cultural está presente em documentos que sancionam sua obrigatoriedade de estudo como conteúdo da disciplina história a ser trabalhada em sala de aula, nos PCNs (Parâmetros Curriculares Nacionais) essa temática é conhecida como pluralidade cultural o mesmo estabelece como um de seus objetivos:

Conhecer e valorizar a pluralidade do patrimônio sociocultural brasileiro, bem como aspectos socioculturais de outros povos e nações, posicionando-se contra qualquer discriminação baseada em diferenças culturais, de classe social, de crenças, de sexo, de etnia ou outras características individuais e sociais. (BRASIL, 1999, p. 6).

Recentemente foi sancionada a Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003 que “altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências.

Com base nessas prerrogativas e atendendo o calendário escolar planejamos as atividades com o tema “Valorizando a cultura afrodescendente” descritas a seguir:

Objetivo geral da atividade: Conhecer por meio de uma ação conjunta educativa aspectos da cultura africana proporcionando meios de valorização e conhecimento voltado à diversidade cultural

Objetivos específicos:

Oportunizar o conhecimento sobre as manifestações africanas e sua influência na nossa cultura; Mostrar por meio de exemplos situações de preconceitos e racismo reproduzida

por grande parte da população brasileira aos afrodescendentes; .Motivar os educandos, a serem respeitosos à diversidade cultural em qualquer lugar e espaços de suas vidas.

Aspectos Metodológicos

Fizemos um trabalho envolvendo a criatividade dos alunos quanto ao tema valorizando a cultura afrodescendente. As atividades foram realizadas durante uma semana sendo culminadas no dia 20 correspondente ao dia da “Consciência Negra no Brasil.”

Orientamos os alunos com histórias sobre a presença do negro no Brasil. Depois pedimos que trouxessem materiais como: Canetinhas de cor, folha de isopor, cola, lápis de cor, tesouras e fotos de pessoas negras que haviam se destacado em nosso Estado. Dentro deste propósito mostramos para os alunos que temos de nos sensibilizar de que todos somos iguais que a cor não torna melhor ou pior perante um ao outro e que não podemos fazer distinção ou discriminação, por que a cor da pele de outra pessoa; mostramos que importa o caráter de cada a ser humano.

Esse primeiro momento, foi muito interessante. Os alunos trouxeram diversos materiais que iriam ajudar na fabricação do trabalho proposto para a turma – uma maquete. Eram 35 alunos na faixa etária de 11 a 14 anos, do 5º ano do ensino fundamental da escola pública de ensino fundamental Madre Rosa Gattorno. Todos iriam desenvolver durante a semana um trabalho para conscientizar-se e conscientizar os outros alunos sobre as raízes culturais. Nosso código foi que não poderíamos julgar qualquer ser humano pelo simples fato de ter a cor negra ou parda. Falamos das nossas danças, religiões, comidas, que até então muitos não sabiam de suas origens. E dessa maneira conduzimos a semana, com palestras que falavam do povo africano e como foram trazidos pra habitar em nosso país. Ouvimos poesias de poetas com personalidades marcantes paraenses que se destacaram em nossa sociedade.

Em dia da semana, a professora dividiu os alunos em dois grupos: um faria os cartazes sobre o tema e o outro a maquete. Durante a semana, lemos coletivamente em sala de aula, alguns textos que traziam histórias da cultura afro-brasileira e todos participavam.

O grupo que ficou responsável pelas maquetes, queria colocar detalhes de tudo que viram reproduzido em livros e relatos das nossas conversas. O outro grupo, dos cartazes,

ficou com poesias, vestimentas e a culinária, também produziram de maneira muito organizada suas apresentações. Todos fizeram o trabalho e iam sendo avaliados desde o momento da montagem quanto suas atitudes, cooperação, estudos etc.

O segundo momento foi o dia da socialização. Cada aluno estava ali ansioso para apresentar o trabalho, e mais uma vez, eu estava sozinha com eles, pois a professora (Renata Carvalho) estava doente. O controle da turma era todo meu; a direção da escola veio perguntar-me se daria conta de conduzir os alunos até o pátio da escola, onde seria a apresentação geral das turmas e com todo a minha delicadeza disse que sim, tremendo, mais confiante, pois os alunos estavam preparados para tamanha apresentação de seus trabalhos. Eu não poderia falhar de jeito nenhum, via no rostinho de cada um a alegria de poder expressar tudo que tinham apreendido e redescoberto o que sabiam muitos estavam equivocados.

Esta fase inicial de ser professora foi cheia de surpresas e dúvidas acontecendo o que disse o autor: é “[...] um período muito importante da história profissional do professor, determinando inclusive seu futuro e sua relação com o trabalho” (TARDIF, 2002, p.84). Eu não sabia muito bem como fazer, mas eu tinha certeza de os alunos apesar de inquietos apostavam em mim. Naqueles que iriam ler as poesias, notava-se tamanho nervoso, os que apresentariam seus cartazes e os outros trabalhos eram tomados de emoção. E assim demos continuidade aos papéis de orientador e educandos.

Bem a propósito, Sousa (2009) ressalta que se são os piores anos do professor o início de sua carreira, também constituem um momento profícuo para mudanças e desenvolvimento profissional. Perrenoud citado por Souza acrescenta que

... Enquanto os profissionais experientes não consideram ou nem percebem mais seus gestos cotidianos, os estudantes medem o que supõem ser serenidade e competência duramente adquiridas. [...] a condição de principiante induz em certos aspectos, a uma disponibilidade, a uma busca de explicação, a um pedido de ajuda, a uma abertura à reflexão (PERRENOUD, 2002, p.14).

Nesta perspectiva levei adiante o projeto da escola.



Figura 2- Fotos das maquetes construídas pelos alunos e alunas do 5º ano



Figura 3 – Exposição das maquetes, poesias e cartazes construídos pelos alunos e alunas do 5º ano sobre a cultura afrodescendente

A diversidade cultural representada nos trabalhos construídos pelos alunos mostra que existe um conjunto de costumes e tradições do povo negro transmitidas de geração em geração ao povo brasileiro. Os elementos culturais representativos desse povo tais como: língua, crença, comportamentos, valores, costumes, religião, folclore, dança, culinária, arte, dentre outros estão imbricados na cultura brasileira e como tal os alunos na escola básica devem aprender de modo muito espontâneo a fim de que possam aprender a valorizar o outro pelas suas organizações, e ensinamentos que nos dão como modos de viver lutando pela liberdade e podendo trazer para outros povos o que carregam de sua descendência.

Porém, o fato de os alunos estarem uma semana trabalhando e estudando o tema não quer dizer que aprenderam a valorizar o negro e sua cultura, mas pelo menos penso

que a escola plantou uma semente de formação de novos conceitos e com isso menos racismo pode acontecer. A educação para a valorização é uma ferramenta que serve para aproximar as culturas, conseqüentemente tornar as pessoas mais acessíveis e menos soberbas.

O MEC coloca uma proposta curricular voltada para a cidadania com o fim de preocupar-se necessariamente com as diversidades existentes na sociedade, uma das bases concretas em que se praticam os preceitos éticos. É a ética que norteia a proposta exige de todos, da escola e educadores, em particular, propostas e iniciativas que visem à superação do preconceito e da discriminação racial.

O grande desafio da escola é reconhecer a diversidade como parte inseparável da identidade nacional e dar a conhecer a riqueza representada por essa diversidade etnocultural que compõe o patrimônio sociocultural brasileiro, investindo na superação de qualquer tipo de discriminação e valorizando a trajetória particular dos grupos que compõem a sociedade. Nesse sentido, a escola deve ser local de aprendizagem de que as regras do espaço público permitem a coexistência, em igualdade, dos diferentes. O trabalho com Pluralidade Cultural se dá a cada instante, exige que a escola alimente uma “Cultura da Paz”, baseada na tolerância, no respeito aos direitos humanos e na noção de cidadania compartilhada por todos os brasileiros. O aprendizado não ocorrerá por discursos, e sim num cotidiano em que uns não sejam “mais diferentes” do que os outros (BRASIL, 1999, p.117)

Nestes termos, a contribuição da escola na construção de princípios éticos de liberdade, dignidade, respeito mútuo, justiça e equidade, solidariedade, diálogo no cotidiano são algumas das formas de cumprir o princípio constitucional de igualdade. Todavia, isso exige continuidade e sensibilidade por parte dos educadores e ações políticas no meio educacional em relação aos problemas gerados pela injustiça social. Para tanto, destaco a necessidade de os alunos terem o contato com o referido tema a partir dos anos iniciais do ensino fundamental contemplando conhecimentos sobre diferentes culturas e estudando o significado de discriminação e preconceito, possibilitando-o aprender que o Brasil é um país de muitas desigualdades sociais e econômicas devido também a essa discriminação racial que perdura por longas datas e que esse quadro precisa ser mudado.

Além dos PCNs, a LDB (Lei de Diretrizes e Bases da educação) Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, estabelece no Art. 26 § 4º que o ensino da história do Brasil levará em conta as contribuições das diferentes culturas e etnias para a formação do povo brasileiro especialmente das matrizes indígena, africana e europeia. (BRASIL, 1996). LDB: Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.

A Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003, altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 e Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática 'História e Cultura Afro-Brasileira', e dá outras providências. No artigo 26-A, § 1º da Lei tornou-se obrigatório no currículo escolar da educação básica o estudo da História da África e dos africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e políticas pertinentes à História do Brasil.

Minhas reflexões

O aprendizado sobre as diferentes culturas é caracterizado desde o aparecimento dos primeiros povos e a chegada dos portugueses no Brasil, quando então já era possível notar as diferentes etnias, vestimentas, alimentação, cor da pele, religião etc. Penso que falar apenas dos fatos pouco ajuda na luta contra os preconceitos e na valorização cultural. Devemos fazer com que os alunos reflitam sobre esses acontecimentos de nossa história e com o passar dos tempos entendam o verdadeiro significado da discriminação e do racismo e assim esses fatos deixem de ser fonte de forte violência na sociedade, inclusive nas escolas.

A Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003 representa um avanço ao possibilitar acesso ao estudo sobre multiculturalismo. (Termo que descreve a existência de muitas culturas numa localidade, cidade ou país, sem que uma delas predomine, porém separadas geograficamente) crítico na escola brasileira, e também possibilitar ao estudante ter contato com a luta histórica do movimento negro em nosso país, com a inclusão no currículo escolar da temática "história e cultura afro-brasileira".

Outro ponto importante discutido com os alunos foi a data histórica já consagrada pelo movimento negro em nosso país e que agora passa a integrar o calendário escolar, o dia 20 de novembro, em que se comemora o "Dia Nacional da Consciência Negra", em menção à morte do líder negro Zumbi dos Palmares. É uma oportunidade para os professores trabalharem as múltiplas formas de resistência do negro à escravidão que lhe foi imposta e que se materializou na formação de inúmeros quilombos no decorrer de nossa história. É uma oportunidade de educar para a cidadania.

Atividades educacionais que oportunizamos aos alunos conhecerem sobre o tema valorizando a cultura afrodescendente que trata da diversidade cultural, foram fundamentais para eu ampliar meus conhecimentos e para a compreensão dos alunos quanto ao combate à discriminação e ao preconceito racial.

Percebi que a escola tem potencial para desenvolver atividades simples, porém, de grande significado que visem à superação do preconceito e da discriminação dentro dos princípios éticos de igualdade, dignidade, justiça, respeito mútuo às diferenças, dentro do ambiente escolar.

EPISÓDIO 3 – PAISAGISMO DA ESCOLA

O projeto paisagismo na escola teve como objetivo plantar plantas pequenas nos espaços ociosos existentes na Escola Madre Rosa Gatorno. O intuito foi melhorar a paisagem do ambiente e contribuir para uma atividade coletiva. O projeto prevê estudar com os alunos diversas áreas do conhecimento.

O objetivo geral deste projeto foi promover envolvimento da escola com o aspecto de valorização ambiental. E o objetivo específico foi: Proporcionar aos educandos e comunidade escolar atividades motivação para conservação e melhoria do ambiente escolar.

Desenvolvimento do projeto:

O PIBID por meio de uma de suas ações desenvolveu o subprojeto para plantio de pequenas plantas ornamentais para melhorar a paisagem da escola. Para isso foram várias fases desenvolvidas, a seguir descritas:

1ª- **Fase** – Fizemos um diagnóstico na escola para avaliar as condições da vegetação a ser plantada e cultivada e suas potencialidades de arborização. No levantamento, foi possível conhecer o uso das plantas desejadas por eles, e discutir que conhecimentos os professores precisavam ter a respeito de processos ecológicos, solo e vegetação, que poderiam ser trabalhados nas atividades com os alunos.

2ª- **Fase** - Atividades de sensibilização e/ou informação. Para estas atividades utilizamos: Oficinas, palestras, e visitas técnicas.



Figura 4. Palestra sobre paisagismo na escola

O PIBID do IEMCI coordenado pela professora Fatima Vilhena ofereceu um curso sobre paisagismo e plantio de plantas ornamentais dado pelo Engenheiro Agrônomo chamado João Evangelista Vilhena. O curso teve duração de 40 horas dado aos sábados com teoria e práticas e visitas ao horto da Universidade Federal do Pará.

Durante todo esse trabalho foram destacados os múltiplos usos de plantas nativas da região, incentivo à arborização das mais diversas formas, como por exemplo, sombreamento, quebra-vento, cerca viva, paisagismo.

3ª- **Fase** – Campanha de vasos na escola e no IEMCI-UFPA e aquisição de mudas de plantas. Adquirimos 50 vasos e mais de 100 mudas de plantas ornamentais em parceria com a Embrapa e o setor de jardinagem da UFPA.

As áreas da escola foram preparadas para o plantio. A preparação destas áreas foi realizada e monitorada de acordo com especificações técnicas já difundidas pelos técnicos agrícolas do horto e o engenheiros agrônomo, participantes do projeto.

4ª **Fase** - O plantio



Figura 6 – Bolsistas Pibid e alunos da escola plantando as plantas ornamentais em vasos

O Plantio em vasos das plantas ornamentais deu-se em um sábado pela manhã, após preparação dos alunos para este evento com estudos, oficinas, visitas ao horto e imagens. Os alunos, e funcionários da escola se envolveram nessa etapa do projeto.

5ª Fase - Adoção das plantas pelos alunos das turmas.



Figura 7. Alunos observando as suas plantas e bolsista ajudando os alunos.

Os alunos adotaram suas plantas colocando seus nomes nos vasos e cada qual deveria cuidar para que ela (a planta) não morresse.

Resultados

Os alunos passaram a cuidar todos os dias regando as plantas e observando se estavam viçosas. No horário do recreio eles iam aos canteiros ou aos seus vasos colocar água e fazer suas observações. Os bolsistas faziam escalas para acompanhar o trabalho dos alunos. Após o plantio nos vasos e aleiras, os bolsistas permaneceram por mais seis meses acompanhando os trabalhos do paisagismo junto à escola, após este período foi repassado esse trabalho à escola.

As plantas proporcionaram conforto visual ambiental na escola. Como elas tem a função de interceptar, absorver e refletir os raios solares o microclima fica mais agradável. Devido a diversidade de cores e a exuberante, beleza as plantas ornamentais são muito cultivadas e no Brasil essa prática vem sendo explorada por pessoas experientes no assunto ou mesmo por curiosos por plantas.

A comercialização nacional de flores e plantas ornamentais estruturou-se em 1969, com a inauguração na CEAGESP (Companhia de Entrepostos e Armazéns Gerais de São Paulo) do Mercado de Flores, e em 1970, também no Estado de São Paulo,

os imigrantes holandeses deram um impulso maior à comercialização desses produtos, implantando um sistema de distribuição pelo País inteiro (AKI, 1997 citado por ALTHAUS-OTTMANN e col.,2008, p. 87)

Pássaros, insetos e o vento são agentes que ajudam a espalhar as sementes de algumas plantas que produzem novas plantas e ajudam no controle biológico de insetos. As plantas quando plantadas diretamente ao solo usam as suas raízes, trazem a água do subsolo para a atmosfera e tem a capacidade de refrescar o ambiente além de tornar mais agradável aos olhos dos seres humanos ver o conjunto de verdes e outros coloridos no ambiente, dando lugar a sensação de bem-estar.

Praças, ruas e residências bem arborizadas, contribuem para a retenção de materiais poluentes. Os benefícios sociais da arborização escolar nas áreas que antes eram ociosas são uma consequência natural. Penso que, as plantas no ambiente escolar também ajudam na saúde física e mental dos estudantes por isso seria muito bom se as escolas investissem nessa atividade uma vez que “as pesquisas com plantas ornamentais são escassas, com exceção de algumas realizadas empiricamente por iniciativa de produtores e outras desenvolvidas pelos institutos de pesquisa e universidades” (ALTHAUS-OTTMANN e col.,2008, p.89).

No estudo de STUMPF e col. (2015) os autores defendem que: Ornamental Horticulture

Além de fonte de alimentos, fibras, madeiras e fármacos, as plantas tornam o ambiente mais agradável e proporcionam benefícios intangíveis ao homem, como a redução dos níveis de estresse, a tolerância à dor e o incremento da produtividade no trabalho (LOHR, 2011). Nesse sentido, o paisagismo pode ser utilizado como instrumento para aliar esses benefícios a outros adicionais, relacionados à qualidade ambiental urbana e à conservação das espécies. Gengo e Henkes (2013) observam que o equilíbrio ecológico das grandes cidades é cada vez mais dependente do paisagismo, em decorrência da crescente ocupação dos espaços verdes naturais. Por essa razão, além da estética, o paisagismo tem buscado a melhoria da qualidade ambiental dos espaços urbanos. Uma das medidas nessa direção é a tendência em reduzir ou evitar, na medida do possível, o uso de plantas exóticas em seus projetos (idem, p. 165)

Diante desta discussão, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) sobre Meio Ambiente (BRASIL, 1997), vem discutir sobre a temática ambiental a ser desenvolvido num ambiente escolar. Enquanto tema transversal o projeto de paisagismo escolar segue a mesma recomendação dos PCN: lidar com valores e atitudes procurando mudar o modo de ensino rígido sobre ambiente.

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais – Meio Ambiente e Saúde:

Os conteúdos de Meio Ambiente serão integrados ao currículo através da transversalidade, pois serão tratados nas diversas áreas do conhecimento, de modo a impregnar toda a prática educativa e, ao mesmo tempo, criar uma visão global e abrangente da questão ambiental (BRASIL, 1997, p.36).

Nesse sentido, promover um estudo sobre paisagismo na escola consideramos transversal porque por meio do conjunto de atividades técnicas e pedagógicas pudemos inserir “uma visão ampla em que envolva não só os elementos naturais, mas também os elementos construídos e todos os aspectos sociais envolvidos na questão ambiental” (BRASIL, 1997, p.37). Geralmente, conteúdos sobre plantas diz respeito à ciências, mas neste projeto fomos além pois o tema incluiu aspectos sobre Meio Ambiente, sobre ambiente escolar, aspectos sociais e de cooperação e oportunidade de levar conhecimentos para sua vida fora da escola aprendendo a plantar plantas ornamentais como possível fonte de renda.

Minhas reflexões

O projeto de paisagismo com plantas ornamentais levado pelo PIBID para a escola, foi inovador com o intuito de melhorar a qualidade de vida da comunidade escolar. A oportunidade deste projeto proporcionou aos alunos, ampliação do seu universo conceitual, também incentivou a comunidade a se preocuparem com o assunto como parte do currículo escolar ao mesmo tempo em que os alunos se propunham a cuidar de seus vasos com as plantas de acordo com o manuseio que lhes ensinara, impondo-lhes responsabilidades.

O projeto, arborização da escola, foi muito importante porque conseguimos levar os alunos, o corpo escolar e a comunidade para a universidade, todo nosso trabalho conduziu para conscientizar a todos sobre a importância do verde no espaço escolar. Tínhamos convicção que os objetivos seriam alcançados, e assim seguimos com nossas atividades nos devidos momentos. Ao longo do processo educativo fomos percebendo grande motivação dos alunos e principalmente no que diz respeito ao aprender a cuidar das plantas.

Posso afirmar que foi uma das atividades de suma importância para minha formação inicial, trabalhar o meio ambiente dentro de um projeto, com um suporte bem organizado, com minicursos, palestras, desenvolvimento das atividades de plantio, suporte de um

engenheiro agrônomo, e pesquisas, trouxe um leque de conhecimentos para somar com tantas atividades inovadoras na minha formação inicial e profissional.

A parte negativa do projeto foi motivo de grande tristeza para todos os pibidianos, foi no momento das férias, em que nós do projeto não estávamos na escola, faltou continuidade na orientação para os alunos, e a cada dia as plantas começavam a morrer. A meu ver os docentes das turmas não tiveram o compromisso de levar a frente o projeto enquanto parte da educação ambiental na escola. O trabalho de formar a conscientização na escola deve ser abraçado por todos. Ou corre-se o risco de um projeto não dar continuidade. Sabemos, no entanto, que esse processo é demorado. Agora entendo porque diz Freire, “ninguém educa ninguém”; eu interpreto o fato narrado que para iniciar um processo de educação para a conscientização, deve haver o compromisso da maioria das pessoas, já que é difícil conseguir isso de todos, o que seria ideal.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Depois que experimentei várias aulas, principalmente sozinha em uma sala de aula, perdi o medo que tinha de fracassar perante os alunos. Eu vi que podemos criar, planejar, brincar, interagir e ter afetividade. Meu ponto de partida para seguir esta profissão que escolhi é guiada pela vontade de educar e possibilitar aos meus alunos uma educação inovadora, com propostas pedagógicas possíveis de serem interagidas com alunos de todas as classes sociais. O significado do PIBID nesta grande jornada foi e será um norte na minha formação inicial e profissional, pois as experiências vividas somavam a cada dia na minha vontade de aprender e de ensinar.

Passou-se um ano após o outro e a cada dia uma nova importância e um significado maior eu tinha em relação à escola, os alunos e para mim, sobretudo, o que ali na escola se passava.

Nossas reuniões quinzenais foram de grande valia. Quando achávamos que tínhamos assuntos novos para relatar, encontrávamos um porto seguro na reunião com a coordenadora. Lá, cada pibidiano relatava suas metodologias e como os alunos reagiam. Tínhamos histórias interessantes para compartilhar e refletir e os nossos medos ali, naquela reunião, sentados conversando com a nossa coordenadora tudo fluía e nos sentíamos seguros. Percebo o significado das orientações como meio que nos conduzia sempre em prol dos alunos e da nossa formação profissional e assim íamos conduzindo nossos objetivos em busca de uma melhor interação com os alunos e a escola, e melhorando nosso saber conviver com os colegas.

Que saudade dessas reuniões onde a interação e o aprendizado com os colegas que participavam do subprojeto era tão gratificante que até fico emocionada em relatar tal evento. Ah e as nossas confraternizações na casa da nossa coordenadora, tudo maravilhoso, posso dizer que tudo que aprendi, vivenciei, participei foi de grande importância na minha vida social e profissional.

A supervisora da escola Prof^a Selma Chaves que também acompanhava nosso trabalho dentro da escola, era uma pessoa muito observadora e sempre fazia reuniões com os bolsistas, para saber como estavam nossos trabalhos, quais as dificuldades e nossas sugestões para que os alunos em dificuldade avançassem para acompanhar a turma sem

causar nenhum tipo de constrangimento para o aluno. Essa atitude da supervisora me ajudava a estar sempre me preparando o melhor possível para minhas aulas ou intervenções na sala de aula. Eu entendia que o trabalho de supervisão era estar atenta ao que acontecia em termo de aprendizagem dos alunos e eu me interessava em melhorar minha condição de aprendiz, para que os alunos que ficavam sob meu olhar ou minha responsabilidade compartilhada com a professora regente da turma, pudessem aprender cada vez mais.

Quero também destacar outro importante momento na minha formação durante o PIBID: foram os nossos encontros do grupo de estudo, realizados aos sábados no IEMCI, onde estudávamos a pedagogia de Paulo Freire. A metodologia de estudar em dupla os textos, e no encontro comparávamos com o cotidiano da escola onde atuávamos fazia toda a diferença. Os estudos de grupo foram de suma importância para minha formação, pois estudar a Pedagogia do oprimido foi ter contato com a base de uma educação libertadora, em que o aluno pode interagir com um processo de aprendizagem bem democrático e amplo e o professor é o agente que motiva o educando.

O mais interessante do nosso Grupo foram as discussões que sempre levavam para as experiências vividas durante a semana na escola, desde a direção até a sala de aula, e isso ficava claro o objetivo principal do nosso trabalho e da nossa aprendizagem. O livro "Pedagogia do Oprimido", propõe uma pedagogia com uma nova forma de relacionamento entre professor, estudante e sociedade. O lema dessa pedagogia é que "Ninguém liberta ninguém, ninguém se liberta sozinho: os homens se libertam em comunhão" (Paulo Freire, 1987, p.54).

Foram muitas repercussões do PIBID na minha formação à docência. Tenho a citar o aperfeiçoamento necessário na minha vida acadêmica e profissional, pois participar de um projeto dentro do universo escolar possibilitou-me interagir com os docentes e o corpo escolar. As dificuldades que encontrei dentro da sala de aula muito me motivaram à busca de soluções que tive que planejar, buscar metodologias inovadoras para um melhor aprendizado do aluno e isso fez com que eu fosse em busca de novas práticas pedagógicas.

A diversidade da escola me proporcionou um leque de conhecimentos, e em todas as atividades ministrada percebi ser necessário o cuidado para que todos participassem.

Posso dizer que tudo foi um grande aprendizado: a importância da interação com os outros pibidianos, os planejamentos que fazíamos juntos, a busca para que o aluno tivesse excelente aproveitamento (embora nem sempre conquistados), o aperfeiçoamento na escrita dos nossos relatórios; a busca por literatura que melhor se adequasse para aplicarmos dentro da sala na escola e de acordo com a idade escolar e o ano.

Nossos seminários de avaliação me ensinaram a saber organizar uma programação acadêmica. Aprendi até que postura devemos ter para uma apresentação de trabalhos. Todo esse processo de teoria e prática de convivência em grupo, foi marcante dentro do PIBID.

E, devido a todo esse suporte que o projeto me proporcionou não tive dificuldades nos estágios da graduação. Hoje, atuando em sala de aula, posso repetir que, o significado das minhas experiências no PIBID posso interpretá-lo sendo um norte na minha vida profissional.

A construção deste TCC constituiu-se em momentos de busca e de novos olhares sobre tudo que aprendi e produzi. Seria um grande ato de egoísmo profissional aprisionar os conhecimentos, e as atividades, - que chegaram até a me emocionar e emocionar meus alunos, professores e a direção escolar em certos momentos-, em diários de bordo e em relatórios.

Esta narrativa autobiográfica me estimula ainda mais a praticar a docência com amor, pois o que aprendi ao revisar as atividades que realizei tornam-se objetos de análise e suma importância na minha vida acadêmica e profissional para trabalhar nos anos iniciais

6. REFERÊNCIAS

ALTHAUS-OTTMANN, Michelle Melissa; et al. **Por que estudar a produção de plantas ornamentais?** O caso catarinense (1). Revista Brasileira de Horticultura Ornamental. v. 14, n.1, p. 85 - 90, 2008.

AUSUBEL, D. P. **A aprendizagem significativa:** a teoria de David Ausubel. São Paulo: Moraes, 1982.

BRASIL. Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. **Diário Oficial da União.** Brasília, DF, 2005.

BRASIL, Decreto-lei n.9.394, de 20 de dezembro de 1996, **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.** Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, 20 de dezembro de 1996; 175º da Independência e 108º da república. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L9394.htm. Acesso em 20/08/2015

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. **Diário Oficial da União. Brasília,** DF, 23 dez. 1996a. p. 27894.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais:** pluralidade cultural, orientação sexual. Brasília, DF: MEC/SEF, 1997.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais:** Meio Ambiente 1998, p. 187l. Brasília.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais.** Pluralidade Cultural. Ministério da Educação e Cultura- MEC. 1999. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/pluralidade.pdf>. Acesso em: 17 jan. 2015.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais:** terceiro e quarto ciclos: apresentação dos temas transversais / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1998.

CATANI, D.; et al. **História, memória e Autobiografia na Pesquisa Educacional e na Formação. Docência, Memória e Gênero – Estudos sobre Formação.** São Paulo: Escrituras Editora, 1997.

CAVACO, M. H. O ofício do professor: o tempo e as mudanças. In: NÓVOA, A (org.) **Profissão professor.** Lisboa: Porto, 1995, p.155-177. Disponível em: <http://www.portalconscienciapolitica.com.br/products/reflex%20b5es-sobre-a-educac%20a7%20a3o-ambiental-como-tema-transversal-na-escola%20a-os-par%20a2metros-curriculares-nacionais-%28pcns%29/>. Acesso em: 13 fev. 2015.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 31. ed. São Paulo:

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**, 17ª. Ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987
Girassol, 2004.

MAGALHÃES, A Elza Pestana. **Lendas do Brasil**. Barueri, São Paulo. Editora

NÓVOA, A. Notas pessoais produzidas a partir da intervenção realizada pelo autor na palestra de encerramento do XV ENDIPE – **Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino**, UFMG, Belo Horizonte, 2010

PERRENOUD, Philippe. **Ensinar: agir na urgência, decidir na incerteza**. Porto Alegre: Artmed, 2001.

PETERS, R.S. **Educação como iniciação**. In: ARCHAMBAULT, Reginald D. (org.) **Educação e análise filosófica**. Tradução de Carlos Eduardo Guimarães e Maria da Conceição Guimarães. São Paulo: Saraiva, 1979. p. 101-130.

PIBID: PROGRAMA INSTITUCIONAL DE BOLSA DE IMICIAÇÃO A DOCÊNCIA. Disponível em :< portal.mec.gov.br/pibid>.acesso em 13/12/2015.

PRADO, G. V. T.; SOLIGO, R. (org). **Leitura e Escrita: dois capítulos desta história de ser educador**. In **___porque escrever é fazer história: revelações, subversões e superações**. Campinas, SP: Alínea, 2007. Cap. 1, p.23-59

SILVA, Antonia Bezerra do Nascimento. **Refletindo sobre os saberes e o desenvolvimento profissional da prática pedagógica**. 2006. Disponível no site: <http://www.ufpi.br/subsiteFiles/ppged/arquivos/files/eventos/2006.gt1/GT1_21_2006.PDF

SOUSA, C. P. A evocação da entrada na escola: Relatos autobiográficos de professores e professoras. In: BUENO, B. O.; CATANI, D. B.; SOUSA, C. P. S. (org). **A Vida e o Ofício dos Professores: formação contínua, autobiografia e pesquisa em colaboração**. São Paulo: Escrituras, 1998. Cap. 3, p.31-44.

SOUZA, Dulcinéia Beirigo de. Os dilemas do professor iniciante: reflexões sobre os cursos de formação inicial SOUZA. **Revista Multidisciplinar da UNIESP. Saber Acadêmico** - n 08,2009/ Disponível em: <http://www.uniesp.edu.br/revista/revista8/pdf/artigos/04.pdf>>.Acesso em 25/09/2015

STUMPF, Elisabeth ReginaTeBmpel;et al.**Espécies nativas que podem substituir as exóticas no paisagismo**. Ornamental Horticulture. V. 21, No .2, 2015, p. 165-172.

TARDIF, M. Saberes, tempo e aprendizagem do Magistério. In_. **Saberes docentes e formação de professores**. Petrópolis: Vozes, 2001, p.56-111.

TERRA, D. V. **A biografia narrativa como estratégia de formação do professor de Educação Física**. In: CASTRO PAIXÃO, L. L.;et al. **Convergências e Tensões no Campo da Formação e do Trabalho Docente**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010. p. 352-362